

I
JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL

OS PRIMÓRDIOS MODERNISTAS DE CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE B

NÚMERO 961

1991

JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL

OS PRIMÓRDIOS MODERNISTAS DE CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geog. do Rio Grande do Norte
**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILMO**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE B

NÚMERO 961

1991

I CICLO DE CONFERÊNCIAS DA AMOL
(março / novembro)

Na sede da Academia Mossoroense de Letras serão proferidas as seguintes conferências durante este ano:

- 22 de março - Gente do Oeste Potiguar na "Província Submersa" - Elder Heronildes e Raimundo Soares de Brito.
Apresentador: Marcos Filgueira
- 26 de abril - Características Modernistas nos primórdios da obra de Carlos Drummond de Andrade.
João Batista Cabral
Apresentador: Benedito Vasconcelos Mendes
- 31 de maio - Sindicato do Garrancho - Aécio Cândido.
Apresentador: Joaquim Crispiniano Neto
- 28 de junho - Uma Família Mossoroense e seu pioneirismo nos Quadros do Partido Comunista - Brasília

Carlos Ferreira.

Apresentador: Paulo Linhares

- 26 de julho - A poesia Social de Tibério
Burlamaqui

- Marcos Filgueira

Apresentador: Raimundo Soares
de Brito

- 30 de agosto - Contistas Mossoroenses -
Gilbamar Bezerra

Apresentador: Jomar Rego

- 27 de setembro - Os Memorialistas de Carau-
bas - Raimundo Brito

Apresentador: Elder Hero-
nildes da Silva

- 25 de outubro - Bruno Pereira - Alvamar
Furtado de Mendonça

Apresentador: Dorian Jorge
Freire

- 29 de novembro - O Sindicalismo em Mossoró
- Luís Alves

Apresentador: Aldenor Go-
mes da Silva.

OS PRIMÓDIOS MODERNISTAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL
UnB

O grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, recentemente falecido, não participou da famosa Semana de 22, nem tomou parte nas manifestações artísticas e culturais que antecederam a eclosão do movimento modernista de São Paulo, cuja inspiração está definitivamente correlacionada com a figura inconfundível de Mário de Andrade. Ao contrário do que aconteceu com o outro grande poeta modernista, Manuel Bandeira, que se engajou no movimento antes de sua cristalização em 1922 (sendo, por isso, cognominado "O São João Batista do Modernismo"). Carlos Drummond de Andrade, embora já praticasse poesia modernista desde 1925 (em seus poemas publicados na *Revista de Belo Horizonte*) e já tivesse publicado o inquietante poema "Pedra no Meio do Caminho" (na *Revista de Antropofagia*, em 1928), somente entra "oficialmente" na corrente modernista em 1930, quando publica seu primeiro livro, chamado *Alguma Poesia*. Não obstante a falta de sincronia quanto aos seus engajamentos no movimento, Drummond e Bandeira tornaram-se, na opinião de muitos críticos, os dois maiores poetas do modernismo brasileiro. Apesar de se haver incorporado ao movimento no seu "segundo tempo", quando este já havia perdido a agressividade inicial, característica de sua primeira fase (1922-1930), a participação de Drummond nos destinos da poesia modernista brasileira tornou-se importantíssima.¹

Seu primeiro e já mencionado livro de poemas, *Alguma Poesia*, é o marco inicial da segunda fase que passa a viver a poesia (e o próprio movimento) modernista a partir de 1930. A essa altura dos acontecimentos, poesia e prosa, ambas plenamente conscientes do uso do coloquial e das expressões populares, coexistem, circulam e já são consumidas pela comunidade intelectual brasileira

em proporções razoáveis. A importância desse livro decorre, principalmente, do fato de seu autor ser o primeiro poeta "incontaminado" (sem nenhum compromisso prévio com qualquer escola ou movimento literário) a entrar para as hostes modernistas.

Por essa razão, Carlos Drummond de Andrade talvez nem precisasse formalizar, como fez Manuel Bandeira, seu rompimento com a tradição poética preexistente, quando escreveu:

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado....**

mas, mesmo assim, para deixar bem claro o seu descompromisso com as formas poéticas do antemodernismo, Drummond afirmaria mais tarde, em seu *Sentimento do Mundo* (1940):

*Não serei poeta de um mundo caduco...
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens
presentes, a vida presente.**

Esta é a mesma mensagem anunciada no intrigante e enigmático poema "Pedra no Meio do Caminho".

Se o batismo modernista de Carlos Drummond de Andrade se deu com o lançamento de *Alguma Poesia*, a crisma ocorreu quatro anos depois com a publicação, em 1934, do livro da confirmação, intitulado *Brejo das Almas*. Estes dois livros são universalmente considerados como representativos da primeira das muitas fases do inesgotável manancial poético drummondiano. Nessa fase, acima da timidez "profissional" e de outros complexos mineiros, predominam na poesia de Drummond o humor e a ironia.

É nessa fase que os poemas de Carlos Drummond de Andrade tratam, principalmente, das "canhestriças" do mundo, das "coisas que não se resolvem", e parecem atuar como verdadeiras válvulas de escape para as frustrações do poeta que, sentindo-se *gauche* na vida, apela ao humor e à ironia como fórmula capaz de descrever as desordens do mundo e de denunciar as "injustiças" que o oprimem e angustiam.*

Este trabalho pretende estudar, sucintamente, alguns aspectos dessa primeira fase da poesia drummondiana, preocupando-se, especialmente, com os aspectos irônicos e humorísticos de seus dois primeiros livros, *Alguma Poesia* e *Brejo das Almas*.

Os poemas, contidos nos dois livros acima citados, revelam uma pronunciada influência do irreverente humor poético-modernista de Mário e Oswald de Andrade. Esses dois inovadores da literatura brasileira, valendo-se da abençoada absoluta liberdade de criação, proclamada pelo modernismo, promoveram a poesia humorística no Brasil, de segunda para primeira classe. Os dois em-

pregaram frequentemente em suas composições poéticas tanto o humor quanto a ironia, como armas e como instrumentos de luta para transmitir uma mensagem ao público. Assim fazendo, esses dois pioneiros construíram a ponte que possibilitou a comunicação plena, efetiva e válida entre as áreas do cômico e do lírico, quebrando, assim, mais um tabu literário.

A obra de Mário de Andrade está pontilhada de felizes alianças entre humor e lirismo, entre poesia e ironia, como se pode notar nos exemplos abaixo, extraídos dos poemas "Noturno de Belo Horizonte" e "Dança" (1924), onde se lê respectivamente:

*o polícia entre as rosas...
onde não é preciso, como sempre..."*

*Que somos nós?
Pronomes pessoais. :*

A poesia do *enfant terrible* Oswald de Andrade oferece exemplos mais abundantes ainda, mas aqui daremos apenas, como amostra, o poema "Erro de Português", no qual se lê:

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
vestiu o índio.
Que Pena!*

*Fosse uma manhã de sol
o índio tinha despido
o português."*

Esse mesmo humor está, também, presente nos "poemas-piadas", especialmente nas paródias que Oswald de Andrade faz às famosas composições de Gonçalves Dias ("Canção do Exílio") e de Casemiro de Abreu ("Meus Oito Anos"), dois dos poemas mais conhecidos no Brasil.⁹

Os cinquenta e seis poemas, que compõem o volume intitulado *Alguma Poesia*, são, em geral, breves e concisos, tendendo para o telegráfico. Geralmente encerram uma mensagem, digamos, meio filosófica, algo reflexiva e, às vezes, moralizante, mas são sempre mesclados de humor e ironia. São geralmente poemas assimétricos, mas há umas poucas composições metrificadas, como, por exemplo, "Cantiga de Viúvo" e "Balada do Amor Através das Idades", porém estas últimas são minoria absoluta.¹⁰

Logo no primeiro verso do primeiro poema, que se intitula "Poema das Sete Faces", ficam patentes o gaucherismo e o desconforto do poeta em relação à ordem e ao estado das coisas vigentes no mundo. Nele se lê:

*Quando nasci um anjo torrio
desses que vivem sentados na sombra
disse: vai Carlos! ser gauche na vida.*

De fato, olhando para dentro de si mesmo e depois, erguendo os olhos para ver o "vasto mundo" em seu redor, o poeta percebe que os dois são irremediavelmente heterogêneos! Ele fora, ainda na adolescência, injustamente expulso de um colégio de jesuitas em Nova Friburgo, apesar de ser um dos melhores alunos do educandário; diplomara-se em Farmácia e Bioquímica, porém jamais sentira a menor atração pela profissão de boticário e muito menos pela de bioquímico; sua situação econômico-financeira era difícil, por ter perdido quase tudo com a desvalorização da propriedade rural em Itabira (com a escalada da mineração), e era ainda — como continuaria a ser pela vida afora — tímido e retraído.¹¹

Sentindo-se "desafinado" com o "vasto mundo", e ao mesmo tempo impotente para corrigi-lo, o poeta parece haver aceito tacitamente o aforismo que afirma ser o mundo "uma comédia para quem pensa e uma tragédia para quem sente". É, talvez, movido por esse sentimento que ele escreve no referido "Poema das Sete Faces":

*Mundo mundo vasto mundo,
~~se me chamasse~~ Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.*

Ainda no mesmo poema deixa de ser filosófico e torna-se oswaldianamente irreverente quando diz:

*As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta o meu coração.
Porém meus olhos
Não perguntam nada.*

Nada escapa à ironia do itabirano "dessintonizado" com o vasto mundo que o agride continuamente. Em "Casamento do Céu e do Inferno" ele extravasa:

*No azul do céu de metileno
a lua irônica
diurética
é uma gravura na sala de jantar.*

Nem o ufanismo nacional é poupado e nem

... Também já fui brasileiro, onde se encontra o seguinte:

*Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês,
ponteei viola, guiei forde,
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude
mas há uma hora em que os bares se fecham e
todas as virtudes se negam.*

Em "Europa, França e Bahia" a insalubridade do Velho Mundo
mazelas do colonialismo são denunciadas conjuntamente:

*... Milhões de dorsos agachados em colônias
longinhas formam um tapete para
Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.*

E a lua em Londres como um remorso.

*Submarinos inúteis retalham mares vencidos.
O navio alemão cauteloso exporta dolicoéfalos
arruinados...*

*A Itália explora conscientemente vulcões apagados,
que nunca estiveram acesos a não ser na cabeça
de Mussolini.*

*E a Suíça cândida se oferece
numa coleção de postais de altitudes altíssimas.*

Meus olhos brasileiros se enojam da Europa.

O sentimentalismo meloso-romântico é também objeto da ironia
drummondiana. No poema "Quadrilha", encontra-se o seguinte qua-
dro humorístico:

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria
que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos: Teresa para o
Convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para
tía,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto
Fernandes
que não tinha entrado na história.*

Os acontecimentos revolucionários de 1930 estão drummondianamente registrados no poema "Outubro 1930", e as influências alienígenas, corruptoras e destruidoras dos costumes e das tradições culturais brasileiras (marcas registradas das obras de Mário e Oswald de Andrade), são grotescamente denunciadas nas composições "Papai Noel às Avestas" e "O que fizeram no Natal".

Nem mesmo os literatos e poetas são poupados. No poema "Política Literária" encontra-se:

*O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.*

*Enquanto isso o poeta federal
tira ouro no nariz.*

Cumprir dizer ainda que o volume de 1930, na multiplicidade de seus ângulos, documenta parte de uma fragmentação espiritual causada pela fricção do poeta com o "vasto mundo", em que ele é forçado a viver como um *gauche*, mundo esse que ele acaba aprendendo a tolerar, porque encontra no humor e na ironia forças suficientes para contrabalançar, e, às vezes, neutralizar as agressões.

O volume de 1934, *Brejo das Almas*, é — de muitas maneiras — a continuação da problemática tratada no volume de 1930. Estilisticamente, nos vinte e cinco poemas do segundo livro acentua-se o compromisso de Drummond com a metrificacão, e as composições são um pouco mais longas. Nota-se, porém, o agravamento da crise pelo atrito com o "vasto mundo" e a crescente irritacão com "as coisas que não se resolvem". A essa agudizacão da crise o poeta reage com o uso de uma linguagem ainda mais causticante, quase palavrão, para expressar-se. Essa linguagem mais irônica é a consequência do "caos psicológico" que chega ao climax e que era imperceptível ao resto do mundo. Dele, Drummond diria mais tarde, no poema intitulado "No Exemplar de um Velho Livro", publicado em 1952, no volume *O Jazendeiro do Ar*, o seguinte:

*Neste Brejo das Almas
o que havia de inquieto
por sob as águas calmas! ¹²*

Havia um verdadeiro vulcão sob essas águas aparentemente calmas do Brejo. Por vezes, nem mesmo o humor e a ironia bastariam para camuflar inteiramente os sentimentos de abandono e desespero que tanto perturbavam aquela criatura *gauche* na vida. No "Soneto da Perdida Esperança", por exemplo, a ironia e o trocadilho abrandam, mas não eliminam, completamente, o choque causado pela patética situacão descrita:

*Perdi o bonde e a esperança
 volto pálido para casa.
 A rua é inútil e nenhum auto
 passaria sobre o meu corpo.*

A desesperança já não é mais anestesiada, como em 1930, apenas com o verso irônico; agora é desviada no plano simbólico, pelo deboche pornográfico, e pela ilação etílica. Isto é o que se percebe, por exemplo, no poema intitulado "Aurora", onde se lê:

*O poeta ia bêbado, no bonde,
 o dia nascia atrás dos quintais.
 As pensões alegres dormiam tristíssimas
 As casas também estavam bêbadas.*

O mesmo problema é percebido no poema "Em Face dos Últimos Acontecimentos", que começa assim:

*Oh! sejamos pornográficos
 (docemente pornográficos)
 Por que seremos mais castos
 que o nosso avô português?*

Essa atitude, fortemente ressentida, é um pouco amaciada pelo deboche, como no caso de "Não Se Mate", onde se lê:

*Carlos sossegue, o amor
 é isso que você está vendo:
 hoje beija, amanhã não beija,
 depois de amanhã é domingo
 e segunda-feira ninguém sabe o que será.*

Os títulos que Drummond escolhe para alguns de seus poemas reunidos em *Brejo das Almas* também indicam o crescimento da desesperança entre 1930 e 1934. Títulos como "Convite Triste", "Coisa Miserável", "Poema Patético", "Necrológico dos Desiludidos do Amor" e "Soneto da Perdida Esperança" são indicativos do estado em que vivia a alma atormentada do poeta no quadriênio que separa o *Brejo das Almas* de *Alguma Poesia*. Mas não há consumação final do caos. No turbilhão em que se encontra, o poeta ainda consegue salpicar o *Brejo das Almas* com lampejos de humor e ironia, como por exemplo no poema "O Amor Bate na Aorta", onde se encontram as seguintes expressões jocosas:

*O amor bate na porta
 o amor bate na aorta,
 fui abrir e me constipei.
 Cardíaco e melancólico.*

*O amor ronca na aorta
entre pés de laranjeiras
entre uvas meio verdes
e desejos já maduros.*

Há ainda no volume de 1934 outros poemas onde o itabirano se vale outra vez de seus poderosos aliados — o humor e a ironia — para continuar levando a “vida besta” de *gauche* num “vasto mundo”, onde, apesar dos percalços prossegue a “caminhar melancólico e vertical”. Alguns exemplos desses poemas são o já citado “O Amor Bate na Aorta”, e mais “Hino Nacional”, “Procurador do Amor”, “Canção de Ninar Mulheres”, e outros. Estes são, por sinal, os poemas de *Brejo das Almas*, que apresentam maiores semelhanças com os publicados em *Alguma Poesia*.¹¹

Os dois livros iniciais de Drummond representam apenas a gênese da grande obra que o poeta iria produzir a partir deles. Tanto o volume de 1930 como o de 1934 são verdadeiras antecipações ao Sentimento do Mundo (1940), que por sua vez seria o preparatório de *Rosa do Povo* (1945), e, assim, sucessivamente de um livro para outro. O humor e ironia continuaram sempre presentes, às vezes mais, às vezes menos intensamente, mas são instrumentos permanentes da obra magistral de Carlos Drummond de Andrade, em todas as suas fases.

NOTAS

- [1] Wilson MARTINS, *A Literatura*, v. 6, *Modernismo*. São Paulo, Editora Cultrix, 1965, p. 269-270.
- [2] Francisco de Assis ALMEIDA BRASIL, *Carlos Drummond de Andrade*, Rio de Janeiro, Livros do Mundo Inteiro, 1971, p. 15-16.
- [3] Citado em Wilson MARTINS, *A Literatura*, p. 270.
- [4] Carlos DRUMMOND DE ANDRADE, “Mãos dadas”. In *Carlos Drummond de Andrade, poesia completa e prosa*. Vol. único. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973, p. 111.
- [5] Afrânio COUTINHO, *A Literatura no Brasil*, vol. 5, *O modernismo*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana S.A., 1970, 2.ª ed., pp. 120-121.
- [6] Citados em Cassiano NUNES, *Breves estudos de literatura brasileira*, São Paulo, Edição Saraiva, 1969, pp. 101-102.
- [7] *Ibid.*, p. 103.
- [8] *Ibid.*, pp. 104-105.
- [9] Ver. de James MAHARG, “From romanticism to modernism: the ‘poemas piadas’ of Oswald de Andrade as parodies”, in *Luso-Brazilian Review*, 13 (November, 1976), pp. 220-230.
- [10] Joaquim Francisco COELHO, “O universo poético de Carlos Drummond de Andrade”, in *Revista de Letras*, 16 (Dezembro 1972), pp. 490-491.
- [11] Alvaro LINS, *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963, pp. 24-25; Renard PEREZ, *Escritores brasileiros*

- contemporâneos* Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970. 1ª série, 2ª ed pp 84-85
- (12) Carlos DRUMMOND DE ANDRADE, "No exemplar de um velho livro" In *Fazendeiro do ar*, obras completas, p. 277.
- (13) Afrânio COUTINHO, *A literatura no Brasil*, pp. 122-123. Série Editora Civilização Brasileira, 1970, pp 84-85

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973.
- ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1942.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo, Editora Cultrix, 1970.
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Livros do Mundo Inteiro, 1971.
- BRITO, Mário da Silva. *Panorama da poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959, v. 6.
- _____. *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro, Coleção Vera Cruz, 1968.
- CANDIDO, Antônio e CASTELO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura brasileira*, v. 3, *Modernismo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1975.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.
- COELHO, Joaquim Francisco. "O universo poético de Carlos Drummond de Andrade" *Revista de Letras* 16, Dezembro de 1972, pp. 490-522.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, v. 5. *Modernismo*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1970.
- ISAACSON, José. "Carlos Drummond de Andrade ou O poeta face à sociedade" In *Cultura*, setembro, 1972, pp. 51-54.
- LINS, Álvaro. *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963.
- LUCAS, Fábio. *Horizontes da crítica*. Belo Horizonte, Edições Movimento Perspectiva, 1965.
- MAHARG, James. "From romanticism to modernism the 'poemas-piadas' of Oswald de Andrade as parodies" In *Luso-Brazilian Review* 13, November, 1976.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*, v. 6. *Modernismo*. São Paulo, Editora Cultrix, 1965.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1961.
- NIST, John A. *The Modernist movement in Brazil: a literary study*. Austin, University of Texas Press, 1967.
- NUNES, Cassiano. *Breves estudos de literatura brasileira*. São Paulo, Edição Saralva, 1969.
- PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970, 2ª ed., 1ª série.
- PÓLVORA, Hélio. *Graciliano, Machado, Drummond e outros*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves S.A., 1975.
- SANTANA, Afonso Romano de. "Drummond, poeta do nosso tempo" In *Cultura* 8, dezembro, 1972, pp. 14-19
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira* Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964

ESAM: "DESENVOLVER O SEMI-ÁRIDO, DANDO
PRIORIDADE AO SOCIAL E AO ECOLÓGICO"

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ E
FUNDAÇÃO GUIMARÃES DUQUE:

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

COLEÇÃO MOSSOROENSE

(30.09.1948 A 30.04.91)

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO: 153

COLEÇÃO MOSSOROENSE SÉRIE A: 41

COLEÇÃO MOSSOROENSE SÉRIE B: 936

COLEÇÃO MOSSOROENSE SÉRIE C: 650

TÍTULOS PUBLICADOS: 1.780

MOSSORÓ, 01 DE MAIO DE 1991

EDITOR: VINGT-UN ROSADO